

Treinamento da Equipe do IBGE Responsável pela Coleta de Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, Edição Especial COVID19 – PNAD COVID19, através de Ensino a Distância: Análise de Contexto, Desenho e Avaliação

Training of the IBGE team Responsible for Collecting Data from the National Household Sample Survey, Special Edition COVID19 - PNAD COVID19, through Distance Learning: Context Analysis, Design and Evaluation

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v11i2.1249

Resumo

O presente artigo tem como finalidade descrever a metodologia adotada frente aos desafios de elaboração de um treinamento a distância para capacitação de mais de 4 mil servidores, que atuariam direta e indiretamente no processo de coleta de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, edição especial COVID19 – PNAD COVID19, executada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a partir de maio de 2020. Apresenta a análise de contexto, sua influência no desenho da solução de capacitação e na definição dos objetivos de aprendizagem. Seguindo o modelo de Donald Kirkpatrick, o artigo avalia o treinamento, a partir da análise de dados das avaliações de reação e de aprendizagem dos concluintes. Os resultados mostraram a relevância de uma efetiva análise contextual, antes de qualquer definição acerca do modelo de capacitação; destaca o conhecimento do público-alvo, na etapa de inspiração, como elemento de sucesso no desenho da solução e aponta caminhos para se efetuar avaliação de comportamentos e de resultados, no âmbito dos treinamentos de pesquisas realizadas pelo IBGE.

Palavras-chave: Educação a distância. Análise de contexto. Avaliação. PNAD COVID19. IBGE.

Hugo Sousa Campos¹

¹Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/ Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE. Rua André Cavalcanti, 106 - Centro, Rio de Janeiro – RJ – Brasil
hugo.campos@ibge.gov.br



Recebido 26/10/2020
Aceito 05/04/2021
Publicado 07/04/2021

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: CAMPOS, H. S. Treinamento da Equipe do IBGE Responsável pela Coleta de Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, Edição Especial COVID19 – PNAD COVID19, através de Ensino a Distância: Análise de Contexto, Desenho e Avaliação. **EaD em Foco**, v. 11, n. 2, e1249, 2021. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v11i2.1249>

Training of the IBGE team Responsible for Collecting Data from the National Household Sample Survey, Special Edition COVID19 - PNAD COVID19, through Distance Learning: Context Analysis, Design and Evaluation

Abstract

The purpose of this article is to describe the methodology adopted in the face of the challenges of developing a distance training to more than 4 thousand civil servants, who would act directly and indirectly in the data collection process of the National Household Sample Survey, special edition COVID19 - PNAD COVID19, carried out by Brazilian Institute of Geography and Statistics - IBGE, from May 2020. It presents the context analysis, its influence on the design of the training solution and the definition of learning objectives. Following the model of Donald Kirkpatrick, the article evaluates training, based on the analysis of data from reaction and learning evaluations of graduates. The results showed the relevance of an effective contextual analysis, before any definition about the training model; highlights the knowledge of the target audience, in the inspiration stage, as a successful element in the design of the solution and points out ways to carry out behavior and results assessment, within the scope of the research training conducted by IBGE.

Keywords: *Distance learning. Context analysis. Evaluation. PNAD COVID19. IBGE.*

1. Introdução

Em março de 2020, por conta da pandemia causada pelo novo coronavírus, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE interrompeu as visitas para coleta de dados relativos às suas pesquisas domiciliares. Entretanto, para um instituto que tem a missão de fornecer indicadores de renda e mercado de trabalho, a manutenção da pesquisa domiciliar em tempos de pandemia era imprescindível. Além disso, identificou-se como necessária a implementação de uma nova pesquisa com resultados semanais, para entender como a pandemia afetava o mercado de trabalho, como as pessoas estavam se adaptando às novas modalidades de trabalho, qual o impacto em sua renda.

Diante deste quadro, o IBGE entendeu que era fundamental equipar a sociedade com dados e informações relevantes para a tomada de decisão, planejamento e implementação de políticas públicas. Foi neste contexto que nasceu a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, edição especial COVID19 – PNAD COVID19. Tal pesquisa pretendia, dentre outros aspectos, mapear a quantidade de pessoas que tiveram sintomas e não procuraram atendimento médico, ou seja, um quantitativo que não consta nos registros oficiais, mas importante para entender a dinâmica de contaminação e potencial pressão sobre o sistema de saúde; o número de pessoas que receberam algum auxílio emergencial relacionado à pandemia; a caracterização das pessoas em regime de home-office; a progressão do nível de isolamento social; o número de desempregados e o impacto da pandemia na busca por uma posição no mercado de trabalho. De acordo com o planejamento Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a pesquisa teria o seu início no mês de maio de 2020, com resultados semanais e mensais a serem divulgados pelo Instituto. Já o encerramento ficaria condicionado à observação estratégica da direção do IBGE, tendo como parâmetros o avanço da pandemia, os recursos necessários à sua manutenção e a análise dos dados coletados.

Até o fechamento deste artigo (outubro de 2020) a pesquisa não havia encerrado os seus trabalhos e o treinamento, iniciado no dia 30 de abril de 2020, continuava disponível para eventual recepção de novos entrevistadores.

Todavia, não bastava definir o questionário da pesquisa, os conceitos, a metodologia a ser adotada e seus períodos de coleta. Era necessário também capacitar mais de quatro mil servidores e colaboradores espalhados em território nacional para aplicar o questionário e supervisionar a pesquisa. Tratava-se de um contexto diferente no âmbito dos treinamentos de pesquisa do IBGE. Até então existiam os treinamentos a distância para todos que iriam trabalhar nas pesquisas do instituto. Estes treinamentos eram sempre seguidos de uma capacitação ou supervisão presencial, de uma fase de adaptação ao sistema de coleta e de um treinamento in loco, no qual o agente de coleta era acompanhado na atividade de campo, a fim de entender, na prática, como se realizava as entrevistas e como se manuseava o Dispositivo Móvel de Coleta – DMC (um celular contendo o aplicativo da pesquisa). Todavia, o contexto da pandemia suspendeu as atividades presenciais, trouxe a limitação da pesquisa realizada apenas por telefone e a necessidade de um treinamento inovador, que fosse capaz de garantir não somente o domínio dos conceitos que envolvem a pesquisa, mas o conhecimento acerca da dinâmica de funcionamento do sistema de coleta de dados em uma pesquisa inédita, realizada apenas por telefone. O desafio era grande: na primeira semana de maio, mais de três mil agentes do IBGE precisavam estar preparados para telefonar mensalmente para 193,6 mil domicílios distribuídos em 3.364 municípios de todos os estados do país, cerca de 48 mil ligações por semana, de acordo com o desenho amostral da PNAD COVID19. Estes, entrevistadores, público-alvo do treinamento, compõem um grupo heterogêneo, composto por agentes de pesquisa e mapeamento, agentes censitários, analistas censitários e coordenadores censitários, recrutados por meio de processo seletivo para trabalhar, por meio de contrato temporário, em pesquisas domiciliares, econômicas, agropecuárias e no Censo. Cumpre destacar que grande parte destes treinandos - selecionados entre o final de 2019 e início de 2020 para trabalhar no Censo - nunca havia participado de uma pesquisa do IBGE, pois ainda estavam sendo preparados para atuar, pela primeira vez, no Censo 2020, adiado para 2021 por conta da pandemia.

Portanto, efetuar uma boa análise de contexto e conhecer este público-alvo foi essencial para o êxito de uma capacitação que iria envolver um público tão grande, diverso e em diferentes estágios acerca da compreensão de como funciona a Instituição e uma pesquisa domiciliar. Era necessário ter um ponto de partida assertivo, com objetivos claros acerca de onde se pretendia chegar. De acordo com Tim Brown "(...) o briefing é um conjunto de restrições mentais que proporcionam à equipe de projeto uma referência a partir da qual começar" (BROWN, 2018), ou seja, apresentou-se um problema, a solução não estava dada e era necessária uma metodologia para efetuar esta análise, buscando uma aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1982), capaz de impactar positivamente na qualidade dos dados coletados. Somente a partir desta ótica seria possível, em tão pouco tempo, capacitar milhares de servidores e colaboradores.

Assim, diante da PNAD COVID19, o objetivo deste artigo é apresentar a metodologia adotada para efetuar a análise da necessidade de capacitação, bem como as estratégias de desenho da solução empregadas para responder à demanda, dentro dos prazos estabelecidos pela urgência da pesquisa experimental do IBGE.

Em um segundo momento, pretendemos analisar os resultados obtidos pela capacitação por meio dos níveis de avaliação propostos por Donald Kirkpatrick (2006).

2. Referencial Teórico

Em meio a emergências no ambiente corporativo, é comum iniciar um treinamento sem uma análise do contexto, o que pode ser um caminho para o fracasso da solução educacional, a qual, conseqüentemente, corre o risco de ser irrelevante e não contribuir para o alcance dos objetivos institucionais. Sobre este tema, Pedro Meneses e Thais Zerbini destacam:

(...) o sucesso dos sistemas de T&D depende fundamentalmente da realização de levantamentos sistemáticos de necessidades de treinamento, por meio, inicialmente, da investigação dos determinantes do problema de desempenho observado (condições, motivação e competências) e, posteriormente, de três diferentes análises. A **análise organizacional**, que objetiva estabelecer condições ambientais adequadas para que a transferência de treinamento realmente ocorra. A **análise de tarefas**, cujo objetivo é identificar as exigências do cargo, trabalho, posto ou ocupação, bem como os conhecimentos, habilidades e atitudes associados aos desempenhos das tarefas. E, por fim, a **análise individual**, que pretende identificar os colaboradores que apresentam discrepâncias de desempenhos, bem como escolher adequadamente o tipo de treinamento necessário (MENESES; ZERBINI, 2009).

Andrea Filatro estabelece alguns parâmetros mínimos para efetuar essa análise de contexto, dentre eles: identificar o problema ou necessidade, bem como os resultados esperados, as características dos alunos, as limitações técnicas, orçamentárias e administrativas (FILATRO, 2008). Em livro mais recente com Carolina Cavalcanti, Filatro incorpora processos e métodos de *design thinking* (DT) na fase de análise contextual da educação presencial, a distância e corporativa (CAVALCANTI; FILATRO, 2016). A etapa que as autoras, em conformidade com o *design thinking*, denominam “Compreender o problema”, é dividida em três momentos: organização de conhecimentos prévios; imersão no contexto analisado; análise de dados coletados.

Ainda que o *design thinking*, enquanto abordagem que “catalisa a colaboração, a inovação e a busca por soluções mediante a observação e a cocriação” (CAVALCANTI; FILATRO, 2016) tenha surgido no século passado, só mais recentemente as ideias sobre DT têm sido aplicadas ao contexto educacional. É diante deste movimento que passamos a direcionar um olhar mais atento para o designer e CEO da empresa norte-americana de inovação e criatividade *Ideo*, Tim Brown, um dos maiores proponentes do *design thinking*.

Em artigo publicado na Harvard Business Review (BROWN, 2008) o designer apresenta o processo de DT em três etapas: **Inspiração** (entender o problema, a necessidade e buscar solução); **Ideação** (o processo de desenvolver a ideia); **Implementação** (a rota da área desenvolvedora até o cliente). A etapa de inspiração dialoga com toda a bibliografia acerca da análise contextual para desenho de soluções de capacitação, uma vez que, de acordo com o citado artigo, consiste em entender qual é problema, onde está a oportunidade, quais as limitações, dentre outros aspectos.

Um aspecto essencial relativo a qualquer treinamento consiste em avaliar e verificar se o problema ou necessidade que se apresentaram na análise contextual ou etapa de inspiração foram atendidos. O modelo de avaliação de Kirkpatrick prevê quatro níveis de avaliação nas organizações: reação, aprendizagem, comportamento e resultados. A ideia de “níveis” não é aleatória, pois o autor reconhece a complexificação do processo avaliativo à medida que se avança em cada um deles. No entanto, pesquisas mais recentes mostraram que a relação hierárquica entre os níveis de avaliação não é uma realidade (ABBAD, 1999). Isso significa que, embora aprendizagem se relacione de forma fraca com reações, a análise integrada destes “níveis” pode resultar em importantes insumos para refletir e repensar o processo de ensino-aprendizagem.

De acordo como modelo de Kirkpatrick, em um primeiro momento avalia-se a reação dos participantes, o instrutor, o material didático, a carga-horária, dentre outros aspectos que buscam tornar mais tangível a satisfação do “cliente”. O segundo nível é a avaliação da aprendizagem, relacionada ao grau de assimilação e retenção dos conteúdos ensinados no curso. Já o terceiro nível é o de comportamento, que busca investigar mudanças de conduta e de procedimentos que ocorrem após a participação no evento de capacitação, ou seja, o efeito causado no desempenho do indivíduo que retorna ao seu posto de trabalho. E por fim, o quarto e último nível dos resultados, com um foco maior no alcance dos objetivos ou metas organizacionais (KIRKPATRICK, 2006). Neste último nível, não podemos cair na tentação de achar que apenas o programa de capacitação foi o responsável pelo alcance dos objetivos, mas entender que tal alcance foi possível por meio da sinergia entre capacitação e demais atividades institucionais.

3. Metodologia

Para o planejamento e o desenvolvimento do treinamento da PNAD COVID19 adotou-se o modelo ADDIE (*analysis, design, development, implementation e evaluation*), geralmente o mais utilizado no desenho educacional, embora com customizações para atender às respectivas realidades e instituições, mas que, em síntese, divide o design educacional nas fases de análise, desenho, desenvolvimento, implementação e avaliação. Destaca-se, todavia que, no presente artigo, nos concentramos nas etapas de análise, desenho e avaliação.

A etapa de análise é o momento em que o designer educacional e a equipe multidisciplinar buscam entender o problema educacional, a fim de projetar uma solução. Esta análise pode, inclusive, chegar à conclusão de que uma ação educacional não é a melhor solução para o problema identificado.

Na **análise organizacional**, foram mapeadas as condições ambientais para que o treinamento ocorresse: a imposição do trabalho remoto, por conta da pandemia; as condições de acesso à internet dos participantes, que nem sempre são as melhores, levando em consideração que estão espalhados ao longo de todo o território nacional, em diferentes regiões e localidades; o tipo de equipamento geralmente utilizado para acesso à internet; os recursos disponíveis e tempo destinado para elaboração e aplicação do treinamento, considerando o calendário da pesquisa e a necessidade de ser tempestiva, visando trazer dados e informações para a sociedade e instâncias tomadoras de decisão; e o fato da pesquisa PNAD COVID19 ter que de ser aplicada exclusivamente por telefone são alguns dos elementos que compuseram esta análise contextual.

A **análise de tarefas**, cujo objetivo é identificar as exigências do cargo, trabalho, posto ou ocupação, bem como os conhecimentos, habilidades e atitudes associados ao desempenho das tarefas foi fundamental para desenvolver os objetivos de aprendizagem, na etapa de desenho. Isso se mostrou um grande desafio, pois em um curso online para mais de quatro mil pessoas, sem a possibilidade de trabalhar os níveis mais elevados da taxonomia de Bloom (FERRAZ; BELHOT, 2010), precisava ser ancorado em uma rede de apoio responsável pela continuidade e amadurecimento desta experiência de capacitação, acompanhando a aplicação dos conceitos e realização dos procedimentos nas atividades de coleta de dados no dia a dia. Neste contexto, o papel dos supervisores estaduais da pesquisa foi fundamental para garantir não apenas o conhecimento, mas a oportunidade do entrevistador, mediante apoio, mesmo remoto, desenvolver as habilidades requeridas pela função.

E, por fim, a **análise individual**, cujo produto trouxe outro grande desafio para o desenho da solução de capacitação, uma vez que o público-alvo era diverso. Havia pessoas que já estavam acostumadas a trabalhar com pesquisas domiciliares do IBGE, embora não por telefone e, em contrapartida, existia um grupo significativo de novos colaboradores, que nunca haviam feito uma entrevista pelo IBGE. Uma das principais estratégias adotadas foi efetuar dois tipos de treinamento, um mais técnico e conceitual,

sobre a pesquisa PNAD COVID19 e outro treinamento mais voltado para as estratégias de abordagem por telefone ao morador que vai prestar informações ao IBGE. Este último treinamento não é escopo do presente artigo, embora achemos importante sinalizar a sua existência, fundamental para a aplicação do treinamento sobre o qual nos referimos neste artigo. Adicionalmente, pensou-se uma estruturação do conteúdo que permitisse os mais experientes irem direto para os temas novos, possibilitando uma conclusão mais célere do treinamento.

Na análise individual, também consideramos a idade e formação dos participantes. Diante do Gráfico 1, podemos observar que 75% dos participantes estavam na faixa etária de 18 a 35 anos.

Gráfico 1: Idade dos participantes do treinamento sobre a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, edição especial COVID19.

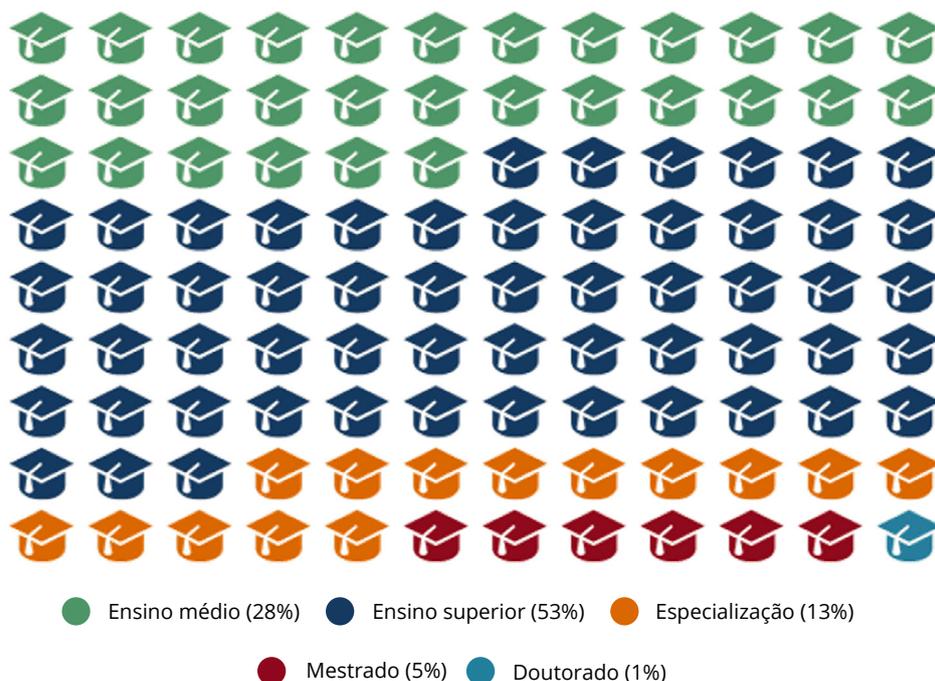


Fonte: Ambiente Virtual de Aprendizagem da Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE

Este dado nos ajuda a optar, no desenho, por soluções de capacitação que privilegiem a forma como este público-alvo costuma consumir informações no contexto sócio técnico da cibercultura, termo que, segundo SANTOS, 2010, busca compreender a “simbiose homem e tecnologia digital em rede enquanto processo de interprodução ou de coprodução cultural”. Neste sentido, a adoção de conteúdo em HTML, com *links* e de fácil navegação, a linguagem direta e a produção de vídeos curtos foram algumas das estratégias empregadas.

Ainda sobre o perfil dos participantes, foi constatado um elevado nível de formação, conforme Gráfico 2:

Gráfico 2: Escolaridade dos participantes do treinamento sobre a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, edição especial COVID19.



Fonte: Ambiente Virtual de Aprendizagem da Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE

Perante um público-alvo no qual mais de 70% possui graduação, mestrado ou doutorado, o conteúdo precisava ser relevante e não podia, por exemplo, dizer que a pesquisa é por amostragem sem minimamente explicar como se dá esse processo amplamente utilizado por institutos de pesquisas. Não podia apresentar os quesitos da pesquisa sobre cor ou raça sem contextualizar e destacar que além da auto atribuição de pertença existe a heteroatribuição de pertença, no qual outra pessoa define o grupo do sujeito e a identificação de grandes grupos populacionais dos quais provieram os ascendentes próximos por meio de técnicas biológicas, como a análise do DNA (OSORIO, 2003). Contextualizar, fazer sentido, ser significativo e ter *link* com os conhecimentos prévios dos participantes era imperativo para treinar um grupo tão qualificado.

Enfim, tratava-se não apenas de formar os indivíduos para realizar uma pesquisa, mas permitir que refletissem sobre a importância do seu trabalho para o conhecimento da realidade nacional, uma vez que, somente quando encaramos a dureza da realidade e do abismo que nos separa de um país mais igualitário é que conseguimos adquirir a nossa consciência enquanto agentes históricos com potencial para transformação da realidade. Nisto reside a importância do trabalho de instituições como o IBGE.

Todos estes elementos foram avaliados e considerados cruciais para a determinação de como seria o treinamento para a pesquisa. Assim, adotou-se a estratégia de vídeos tutoriais do Dispositivo Móvel de Coleta a ser utilizado pelos entrevistadores, acompanhados da apresentação dos conceitos que subsidiam o correto preenchimento do questionário da pesquisa, no formato HTML. Foram cinco vídeos, no total, que demonstravam os procedimentos para iniciar e encerrar uma entrevista, ensinavam os participantes a preencher o quadro de moradores do domicílio entrevistado, orientavam acerca do preenchimento dos quesitos sobre cor ou raça, escolaridade; apresentavam os quesitos diretamente relacionados à questão da saúde e da pandemia e também os quesitos sobre trabalho, rendimentos e procura por trabalho. A carga-horária estipulada para o treinamento foi de quatro horas, somente para estudo dos conceitos e procedimentos da pesquisa, que é curta, se comparada às demais pesquisas domiciliares do IBGE, uma vez que foi projetada para ser feita por telefone. As etapas subsequentes de interações com o supervisor, adaptação ao dispositivo móvel de coleta e consultas ao fórum de dúvidas ficaram sob a responsabilidade dos próprios supervisores, considerando as especificidades regionais e familiaridade ou não do participante com a coleta de dados em pesquisas domiciliares.

Portanto, foram utilizados vídeos, recurso HTML, fórum, FAQ (*Frequently Asked Questions*) e manuais, de forma a apresentar, ao mesmo tempo, a dinâmica de funcionamento do dispositivo móvel de coleta e os conceitos da pesquisa. A análise de contexto foi determinante para definir estas estratégias, recomendando-se, inclusive, uma janela temporal bem curta para os feedbacks no fórum, visando acolher esse aluno que estava fisicamente à distância, mas precisava se sentir abraçado por toda a equipe técnica responsável pela pesquisa e pela equipe multidisciplinar envolvida no treinamento. Isso porque "(...) os fóruns têm muito potencial para fomentar processos de comunicação assíncrona, colaborativa e potencializadora do diálogo mediado." (BARROS; SANTOS; ROMERO, 2019).

Conforme observado, a etapa de análise, no projeto do treinamento da PNAD COVID19 debruçou-se sobre um significativo conjunto de variáveis que foram analisadas pela equipe multidisciplinar, a fim de projetar a solução de capacitação mais viável. O tempo de implementação e as características do público alvo apontaram para um desenho que privilegiasse os diferentes estilos de aprendizagem, em diferentes localidades, contextos e realidades, nas quais inevitáveis estímulos, em tempos de pandemia, iriam concorrer pela atenção dos aprendizes.

Embora, no presente artigo, nos concentremos nas etapas de análise, desenho e avaliação - seguido o modelo ADDIE -, faz-se necessário, minimamente, explicar como foi a implementação do treinamento, ou seja, como efetivamente aconteceu o curso a distância. O treinamento foi disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem da Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE, que utiliza o Moodle.

Foi desenhado para ser autoinstrucional, com inscrições descentralizadas pelos supervisores de todos os estados da federação ou pessoas por eles indicadas. No treinamento, por meio do Moodle, foi disponibilizado um fórum de dúvidas, respondido pelos especialistas da PNAD COVID19, gerando, inclusive, um FAQ e, no decorrer da pesquisa foi implementado um fórum de boas práticas para compartilhamento de experiências entre os entrevistadores de todo o Brasil. Após a etapa autoinstrucional, os participantes passavam por um acompanhamento dos supervisores, por meio de *chats*, videoconferências ou chamadas telefônicas para adaptação e ajuda no manuseio do equipamento de coleta de dados, consolidação de procedimentos ou esclarecimentos acerca dos conceitos empregados na pesquisa.

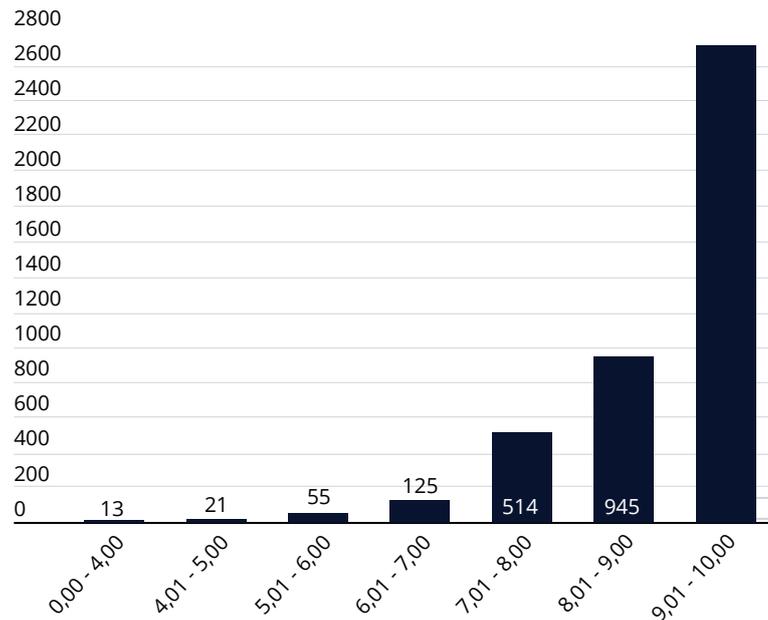
4. Resultados e Discussão

A realização de um processo de avaliação de acordo com o modelo de Kirkpatrick ainda é um desafio para o IBGE, assim como para grande parte das instituições que atuam na educação corporativa. Torna-se exponencial se adicionarmos o ingrediente de um treinamento realizado por milhares de pessoas, espalhadas pelo Brasil. No entanto, como a “casa da estatística”, entendemos que é imprescindível medir. Somente quando medimos fenômenos, quantificamos e analisamos os mesmos à luz de outros aspectos é que conseguimos tomar decisões confiáveis e melhorar nossos processos de avaliação, desenho, desenvolvimento e implementação de soluções de capacitação.

Na avaliação de reação, os participantes tiveram a oportunidade de se manifestar sobre o conteúdo, a carga-horária, a linguagem, a apresentação visual, a navegação e a conciliação dos estudos com a carga de trabalho. Além disso, em campo de texto livre puderam fazer considerações adicionais. Em uma análise minuciosa das respostas ao campo de texto livre, constatamos que, dentre os pontos que mais foram alvo de críticas e/ou sugestões, destaca-se a ausência de testes com o Dispositivo Móvel de Coleta (15% das críticas/sugestões), tendo em vista que os alunos fizeram o treinamento sem ainda possuírem o dispositivo em mãos, para a realização de verificações e cotejamentos. Outro aspecto foi a data entre a disponibilização do treinamento e o tempo para o início dos trabalhos de coleta da pesquisa (14% das críticas/sugestões). Ambas as reclamações apontam para o contexto emergencial de implementação da pesquisa, no início da pandemia, embora nos deixem mais alertas e sensíveis a estes aspectos, para que, mesmo diante de prazos exíguos possamos buscar o equilíbrio ideal entre as necessidades dos aprendizes e os compromissos institucionais. Solicitamos, também, que os participantes, dentre entrevistadores, supervisores e demais envolvidos na pesquisa, dessem uma nota de 0 a 10, de forma anônima, para o treinamento. Dentre as 4390 respostas dadas até o fechamento deste artigo (uma vez que o treinamento continua disponível para atender eventuais novos entrevistadores), a média obtida foi 9,06.

No segundo nível de Kirkpatrick, avaliamos a aprendizagem, ou seja, o grau de assimilação e retenção dos conteúdos ensinados no curso. Como são apresentados vários conceitos, a serem aplicados durante a coleta da PNAD COVID19, torna-se imprescindível detectar os pontos que os participantes mais assimilaram ou os em que mais tiveram dificuldades, para eventuais acréscimos ou correções de conteúdo. Considerando que muitos já haviam participado de pesquisas do IBGE, cujos conceitos eram idênticos ou similares é possível afirmar que houve uma boa assimilação dos conceitos da pesquisa, conforme mostra o Gráfico 3:

Gráfico 3: Nota da avaliação de aprendizagem dos participantes no treinamento sobre a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, edição especial COVID19 (apenas a nota mais alta).

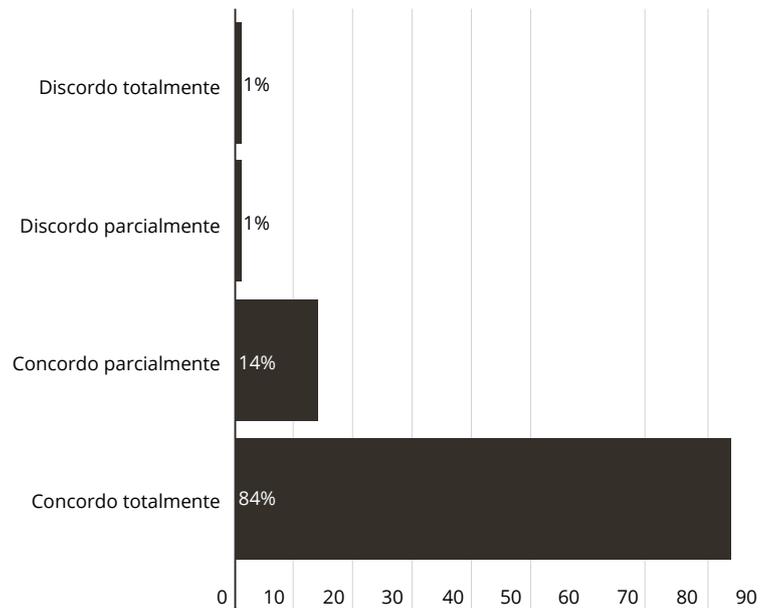


Fonte: Ambiente Virtual de Aprendizagem da Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE

Os dados sobre a avaliação de aprendizagem também nos dão insumos para o planejamento de futuras soluções de capacitação. Por exemplo, a estratégia de conceder duas chances para o participante realizar a avaliação nos mostraram que, em média, há um aumento de 4,91% na nota da avaliação, isso quando se compara a média da nota das primeiras tentativas com a média das últimas. Considerando-se que as questões são sorteadas automaticamente pelo sistema e muitas delas não são repetidas na segunda tentativa, avaliamos este percentual como algo significativo. Observe que foram 4390 concluintes, no entanto, 5713 avaliações foram efetuadas até o fechamento deste artigo, ou seja, 1323 participantes utilizaram a sua segunda tentativa e refizeram a avaliação de aprendizagem. Isso nos mostra, portanto, que um número significativo dos treinandos no IBGE, autonomamente, possuem a cultura de refazer a avaliação, rever pontos que não ficaram claros e consolidar os conteúdos.

No terceiro nível do modelo proposto por Kirkpatrick temos a avaliação de impacto, que busca o efeito causado no desempenho do indivíduo que retorna ao seu posto de trabalho. A avaliação de impacto, segundo Abbad (1999), corresponde ao terceiro nível de avaliação proposto por Kirkpatrick – comportamentos. Esta ainda necessita da elaboração de indicadores e estratégias de mensuração mais coesas, no IBGE, a fim de garantir avaliação e análise consistentes. No entanto, entendemos que os debates e decisões técnicas sobre a sua implementação passam pela necessidade de um alinhamento muito forte entre a área de treinamento e os supervisores da pesquisa nos diferentes estados da Federação. Estes supervisores podem vir a figurar como peças centrais, a fim de detectarmos se houve ou não mudanças de conduta e procedimentos após a participação no evento de capacitação. Assim, uma eventual extensão do processo de avaliação, dentro do ambiente de aprendizagem, com participação dos supervisores, pode vir a ser um caminho. Por hora, conseguimos, timidamente, tatear este terceiro nível com perguntas, na avaliação de reação, as quais buscam identificar se os participantes acreditam que adquiriram conhecimentos que irão melhorar seu desempenho no trabalho e se eles se veem preparados para atuar na pesquisa, como demonstrado no Gráfico 4:

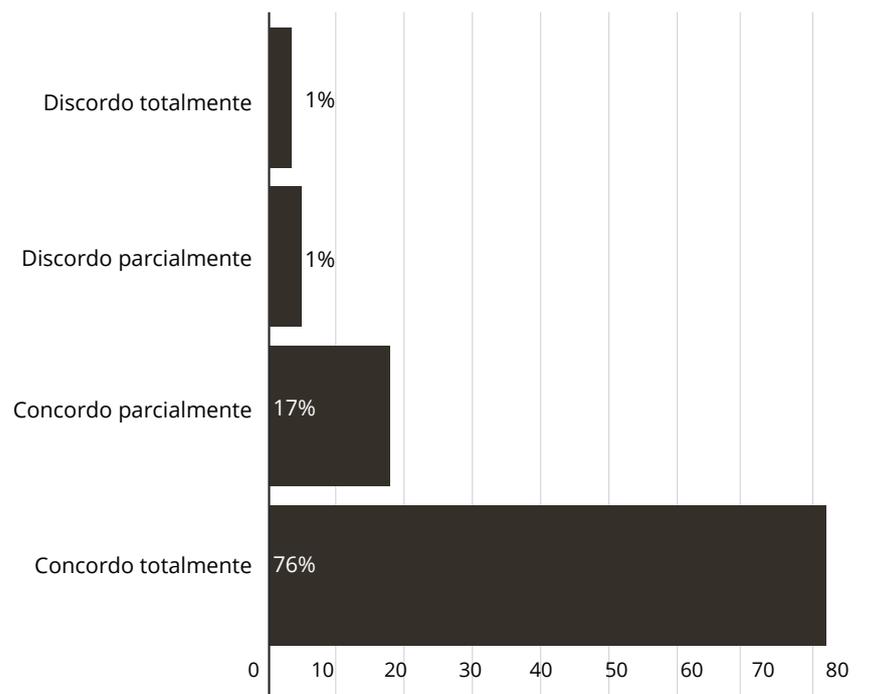
Gráfico 4: Treinamento sobre a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, edição especial COVID19. Resposta dos participantes à afirmação “Você adquiriu conhecimentos que irão melhorar seu desempenho no trabalho”.



Fonte: Ambiente Virtual de Aprendizagem da Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE

Pelo exposto, observamos que um percentual bem elevado de participantes vê o treinamento como uma ação que vai ajudar no seu desempenho, ou seja, consideraram o conteúdo relevante e em conformidade com as atividades que irão desempenhar. Desta forma, acreditamos que o primeiro passo para o treinamento mudar o comportamento do aprendiz reside no fato de ter sido uma experiência significativa. Mesmo que não seja decisiva e forte, há uma conexão entre reação e comportamentos.

Gráfico 5: Treinamento sobre a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, edição especial COVID19. Resposta dos participantes à afirmação “Sinto-me preparado para realizar os trabalhos de coleta da PNAD Covid”.



Fonte: Ambiente Virtual de Aprendizagem da Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE

Este indicador nos mostra uma tendência forte no desenvolvimento de competências, ou seja, há uma grande probabilidade de os participantes não ficarem apenas como o conhecimento. Irão desenvolver habilidades e agir com base nas informações recebidas no treinamento. Quando analisado em conjunto com o campo de texto livre, este quesito nos mostra que os 17% que concordaram parcialmente, em grande parte, precisavam do contato com o Dispositivo Móvel de Coleta para se sentirem efetivamente preparados para ir à campo. E isso faz total sentido, se pensarmos que grande parte deles nunca havia realizado uma entrevista representando o IBGE e nunca havia tido contato com o DMC antes. A partir destes dados, já temos insumos para recomendações técnicas e didáticas acerca da importância de se realizar um treinamento, nos mesmos moldes, tendo um DMC em mãos.

5. Considerações Finais

A seguir, apresentamos alguns exemplos de reportagens veiculadas nos principais meios de comunicação em 2020, utilizando os dados da PNAD COVID19.

Pnad Covid-19: Brasil testou apenas 10% da população: De acordo com a pesquisa realizada pelo IBGE, até o mês de setembro, quase 22 milhões de brasileiros fizeram teste para saber se estavam com a doença. **(Correio Braziliense)**

Pnad Covid: 14,7% dos estudantes não tiveram atividades na 2ª semana de setembro: Na segunda semana de setembro, 14,7% dos 46,2 milhões de estudantes que frequentavam escolas ou universidades no país não tiveram atividades escolares. Isso equivale a um contingente de 6,8 milhões de alunos. **(Notícias Uol)**

IBGE: brasileiros reduzem adesão às medidas de isolamento social, diz Pnad Covid: A população brasileira diminuiu a adesão às medidas de isolamento social na primeira semana de setembro, aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Covid (Pnad Covid-19) semanal divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta sexta-feira. Aproximadamente 86,4 milhões de pessoas ficaram em casa e só saíram por necessidade básica na primeira semana de setembro, o equivalente a 40,9% da população. O resultado representa cerca de 2,2 milhões de pessoas a menos em distanciamento social em apenas uma semana. **(ISTO É)**

Home office' predomina entre brancos, de ensino superior e renda maior. Mulheres são maioria: Levantamento elaborado pelo Dieese mostra que, na pandemia, o chamado home office atinge sobretudo trabalhadores de maior renda, não negros, mulheres e com ensino superior. O instituto usou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios específica para o coronavírus (Pnad Covid), do IBGE. **(Rede Brasil Atual)**

E assim tem sido desde que os primeiros resultados da pesquisa começaram a ser divulgados, em junho de 2020; basta lançar uma busca no Google por "PNAD COVID" e são listados mais 860 mil resultados.

Diante de informações acessíveis à população, informando e subsidiando decisões nas diferentes esferas governamentais e instituições públicas ou privadas, é impossível não reconhecer o impacto da pesquisa realizada pelo IBGE. No entanto, com o foco especificamente sobre o treinamento para aqueles que iriam atuar na pesquisa e ajudaram a obter os resultados acima apresentados, entendemos que é possível afirmar que a solução de capacitação foi peça fundamental para o alcance dos objetivos institucionais, embora ainda careçamos de indicadores e métricas mais precisas e trabalhadas em conjunto por toda a

instituição para detectar o impacto do treinamento e de outras importantes ações. Isso porque o último nível proposto por Kirkpatrick traz com ele o maior desafio de todos: trabalho colaborativo, visão sistêmica e necessidade de medição dos fenômenos. O quarto nível de avaliação, portanto, não é de responsabilidade de um setor ou de uma diretoria. Ele está sobre os ombros de toda a instituição e tem como norte o planejamento estratégico.

A experiência de análise, desenho, desenvolvimento, implementação e avaliação de soluções de capacitação em tempos tão tumultuados como este da disseminação do coronavírus, portanto, assume contornos desafiadores, mas que nos tiram da zona de conforto e nos lembram de que o mundo está em constante e veloz transformação, logo, os indivíduos não aprendem mais como aprendiam ontem. E nisso se constitui o grande desafio de todos que trabalham com educação: não só promover o ensino, mas garantir que também houve aprendizagem, mesmo em tempos de pandemia.

Agradecimento

O autor agradece à Coordenadora de Treinamento e Aperfeiçoamento do IBGE, Bianca Walsh e ao Gerente de Soluções de Capacitação do IBGE, Paulo David Tostes, pela confiança e parceria no desenho educacional do treinamento da PNAD COVID19.

Referências

- ABBAD, G. *et al.* Projeto instrucional, aprendizagem, satisfação com o treinamento e auto-avaliação de impacto do treinamento do trabalho. **Revista Psicologia: organizações e trabalho**, v. 1, n. 2, p. 129-161, 2001.
- ABBAD, G. Um modelo integrado de avaliação do impacto do treinamento no trabalho-IMPACT. **Brasília (DF): Universidade de Brasília**, 1999.
- AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa**. São Paulo: Moraes, 1982.
- BARROS, D. M. V.; SANTOS, V. M. D., & ROMERO, C. S. Estratégias para o trabalho colaborativo: revisitando o uso de fóruns on-line na educação a distância. **Rev. Diálogo Educ.** Curitiba, 2019.
- BROWN, T. **Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Alta Books Editora, 2018.
- BROWN, T. *et al.* Design thinking. **Harvard business review**, v. 86, n. 6, p. 84, 2008.
- CAVALCANTI, C. C., & FILATRO, A. **Design thinking na educação presencial, a distância e corporativa**. São Paulo: Saraiva, 2016.
- EBOLI, M. Educação corporativa no Brasil: mitos e verdades. In: **Educação corporativa no Brasil: mitos e verdades**. 2004. p. 278-278.
- FERRAZ, A. P. D. C. M., & BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. **Gest. Prod.**, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010.
- FILATRO, A. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.
- FILATRO, A. C., & BILESKI, S. M. C. **Produção de conteúdos educacionais**. Saraiva Educação SA, 2017.
- GOLDSTEIN, I. L. **Training in work organizations**. Consulting Psychologists Press, 1991.

- HAMBLIN, A. C. **Avaliação e controle do treinamento**. McGraw-Hill do Brasil, 1978.
- IBGE: brasileiros reduzem adesão às medidas de isolamento social, diz Pnad Covid. **ISTO É**, 25/09/2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/ibge-brasileiros-reduzem-adesao-as-medidas-de-isolamento-social-diz-pnad-covid/>>. Acesso em: 24/10/2020.
- KIRKPATRICK, D.; KIRKPATRICK, J. **Evaluating training programs: The four levels**. Berrett-Koehler Publishers, 2006.
- KIRKPATRICK, D.L. Evaluation of training. In: CRAIG, R.L (ed.). **Training and development handbook**. New York, McGraw-Hill, 1976.
- MENESES, P. P. M.; ZERBINI, T. Levantamento de necessidades de treinamento: reflexões atuais. **Análise**, v. 20, n. 2, 2009.
- MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. **Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel**. 2 ed. São Paulo: Centauro. 2001.
- NUZZI, V. 'Home office' predomina entre brancos, de ensino superior e renda maior. Mulheres são maioria. **Rede Brasil Atual**, 16/09/2020. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/economia/2020/09/home-office-brancos-ensino-superior-renda-maior/>>. Acesso em: 24/10/2020.
- OSORIO, R. G. O sistema classificatório de cor ou raça do IBGE. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Brasília, 2003.
- Pnad Covid: 14,7% dos estudantes não tiveram atividades na 2ª semana de setembro. **Notícias Uol**, 02/10/2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/10/02/pnad-covid-147-dos-estudantes-nao-tiveram-atividades-na-2-semana-de-setembro.htm>>. Acesso em: 24/10/2020.
- SANTOS, E. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. **Educação Online: cenário, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.
- SOUZA, C. Pnad Covid-19: Brasil testou apenas 10% da população. **Correio Braziliense**, 23/10/2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/10/4884185-pnad-covid-19-brasil-testou-apenas-10-da-populacao.html>>. Acesso em: 24/10/2020.